



## **Conjuntura da Construção**

**n.º 35**

**Dezembro / 2009**

### **Investimento Privado na Construção continua em queda**

Tendo por base a informação disponibilizada até ao final de Novembro relevante para a análise da conjuntura da Construção, a FEPICOP conclui que a evolução negativa que o Sector continua a registar resulta, sobretudo, da forte contracção do investimento privado, tanto em edifícios residenciais, como em edifícios não residenciais.

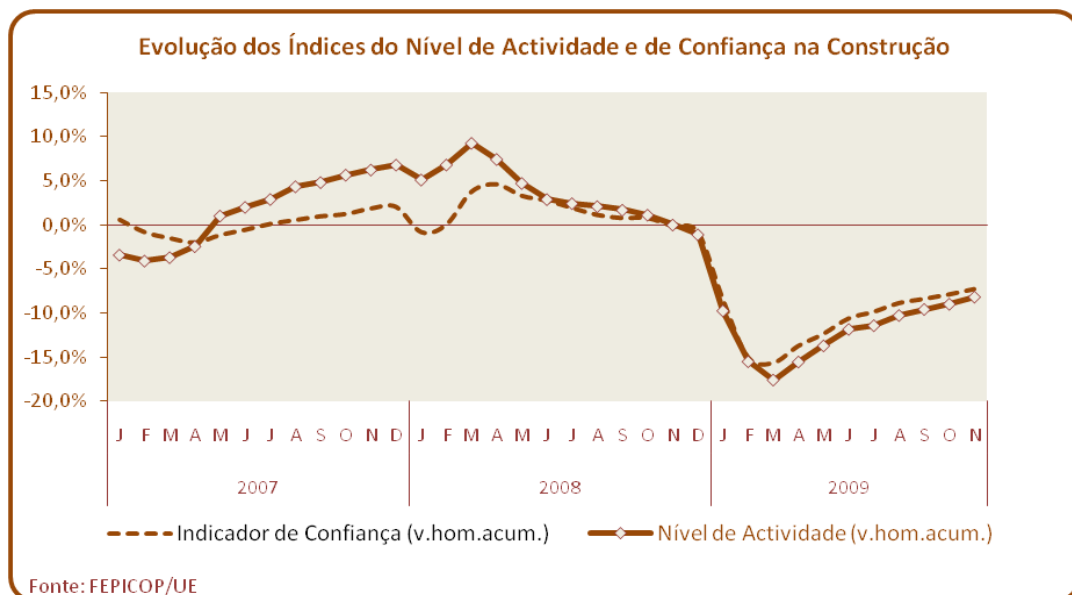
Na verdade e pese embora a evolução razoável do investimento público em obras de engenharia civil registada até ao final de Novembro, a conjuntura do Sector permanece tendencialmente negativa devido ao peso maioritário que as actividades de habitação e do não residencial privado têm no conjunto da produção, as quais continuam a sofrer, com forte intensidade, os efeitos da crise financeira global que ainda se vive. Como consequência da redução de actividade nestes dois segmentos, tem-se assistido, sucessivamente ao longo de 2009, à perda de postos de trabalho no Sector (de Janeiro a Setembro o decréscimo de emprego na construção foi de 8.8%, em termos homólogos), assim como tem, também, aumentado significativamente o número de desempregados mensalmente inscritos nos centros de emprego e cuja ocupação anterior era a construção. Sendo conhecidos os efeitos de arrastamento que a construção detém em muitos outros sectores de actividade com os quais mantém uma forte relação de interdependência, não nos é difícil admitir que a actual crise que o Sector atravessa contribui, de forma directa, para 13% do número total de desempregados e, de forma indirecta, para um peso superior a 20%, logo, em termos globais, a mais de 30% do total de desempregados, isto se tivermos em consideração que cada posto de trabalho (ou de desemprego) na construção gera 2 postos de trabalho na economia (ou de desempregados) devido ao impacto em actividades a montante e a jusante.

Se esta avaliação quantitativa da conjuntura do Sector ainda permanece negativa, embora sem agravamento nos últimos três meses, a avaliação qualitativa continua, também, a revelar-se pessimista embora menos que no início do ano.

## 1. Empresários revelam menor pessimismo sobre evolução dos níveis de actividade

De Janeiro a Novembro de 2009, a evolução do índice dos níveis de actividade do Sector regista uma tendência ligeiramente crescente, não obstante, no final dos onze meses, ainda se observar um decréscimo homólogo de 8.1%. Tendo em consideração que, no final do primeiro trimestre do ano, a variação do índice se situava em menos 17.6% face a igual trimestre de 2008 e que, no final de onze meses, a variação melhora mais de nove pontos percentuais, conclui-se que se tem reduzido mensalmente o número de inquiridos pela FEPIOP/UE que referem registar reduções de actividade.

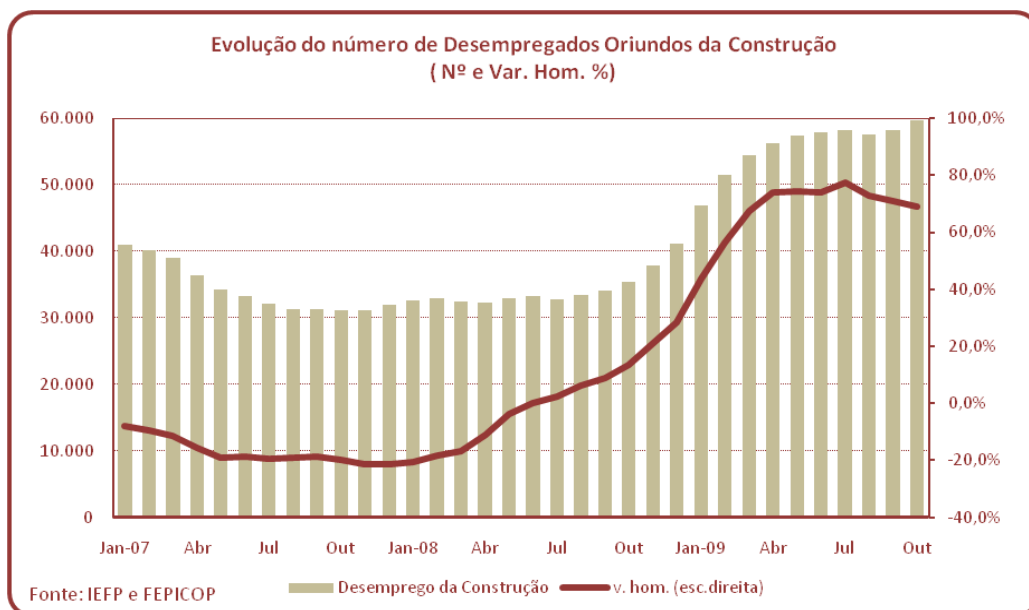
Esta conclusão pode ser corroborada pelo andamento do índice do indicador de confiança que, também nos onze meses de 2009 já decorridos, regista uma tendência de evolução semelhante á do indicador anterior. De facto, de um decréscimo de 15.7% apurado no final do primeiro trimestre, o indicador de confiança observa uma variação homóloga acumulada no final de Novembro de menos 7.3%, traduzindo ser menor o número de empresários que declaram sofrer reduções de encomendas em carteira e sem perspectivas de criar emprego.



A evolução menos negativa do indicador de confiança prende-se, certamente, com o incremento razoável de encomendas públicas que, ao longo do ano, os empresários foram registando nas suas carteiras, realidade que, porém, pode alterar-se no próximo ano tendo em conta a forte redução que se regista na abertura de concursos para empreitadas e a ausência de perspectivas de alteração da conjuntura nos segmentos da habitação e do não residencial.

## 2. Crise do Sector contribui para o aumento do número de desempregados

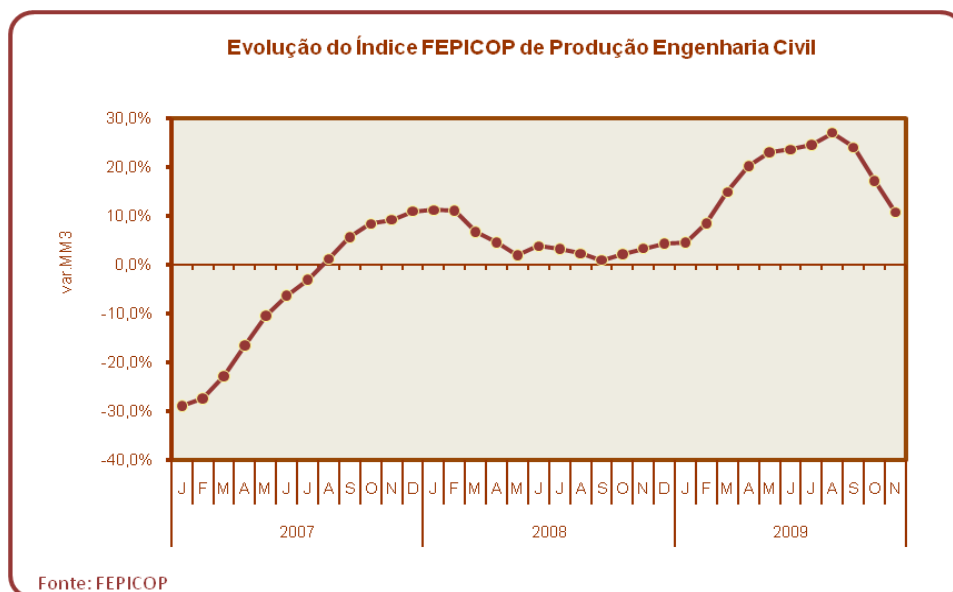
No final de Outubro de 2009 o número de desempregados inscritos nos centros de emprego como provenientes da construção correspondia a 13% do número total de desempregados, expressão que se revela ser a mais elevada dos últimos sete anos (desde 2002). Também a variação homóloga acumulada apurada (68%) no final de Outubro corresponde ao acréscimo mais elevado dos últimos sete anos. Este incremento mensal de desempregados cuja actividade anterior se exercia no sector da construção, resulta da forte contracção do investimento privado nos segmentos da habitação e no não residencial, os quais, pela sua natureza, são trabalho intensivos, contracção que, não tendo a sua origem em 2009, viu intensificarem-se de forma muito significativa ao longo deste ano os impactos da crise financeira internacional e nacional.



Tendo em consideração que, segundo evidência empírica da UE, cada emprego na construção gera pelo menos cerca de 2 empregos na economia e que o inverso também será verdadeiro, pode daqui inferir-se que, com elevada probabilidade, que mais de 30% do total de desempregados inscritos nos centros de emprego serão oriundos de actividades da Construção ou correlacionadas com o Sector. Assim sendo, parece-nos razoável perspectivar que, assim que este começar a recuperar, atenuar-se-á o desemprego nacional que constitui, hoje, o problema mais premente da economia nacional.

### 3. Actividade na engenharia civil prossegue com algum dinamismo

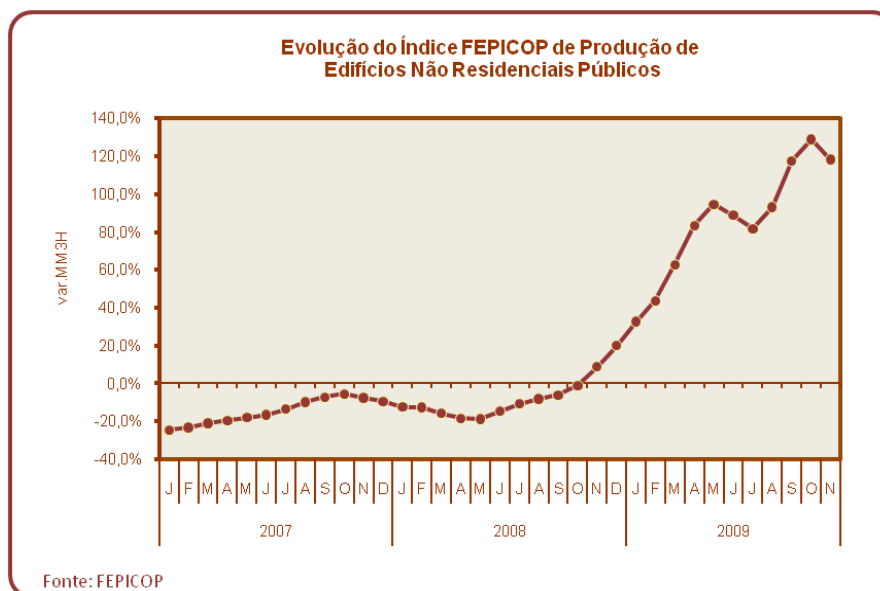
No trimestre terminado em Novembro de 2009, a variação da produção de obras de engenharia civil terá aumentado 10.8% face ao trimestre homólogo, variação bem mais discreta que todas as apuradas desde o início do ano, indiciando que se começa a verificar algum abrandamento no investimento público, pese embora ainda se mantenha mais dinâmico que o investimento privado. Tendo em conta que o ano de 2009 foi palco de dois actos eleitorais importantes, legislativo e municipal, os quais implicam, em geral, mais gastos públicos, nomeadamente no tipo de obras que incluímos em engenharia civil, como sejam as vias de comunicação, obras de urbanização, obras hidráulicas e vários tipos de instalações, seria de alguma forma expectável que se reduzissem esses gastos após as eleições, o que parece estar a verificar-se.



Contudo, a intensidade da redução do investimento público após as eleições realizadas em 2009 não tem sido tão acentuada quanto a detectada noutros anos eleitorais, devido à necessidade de dinamizar a economia portuguesa em conjuntura adversa, através deste instrumento de política económica. Temos, no entanto, de salientar que, dada a redução que se tem vindo a verificar, entre Janeiro e Novembro, no valor promovido em concursos para empreitadas (menos 27.6% em onze meses, face a igual período de 2008), tudo indica que no próximo ano o volume de adjudicações irá reduzir-se e, em consequência, irão baixar os níveis de actividade neste segmento a não ser que, entretanto, se lancem a concurso novas empreitadas de pequena dimensão que levam, em princípio, menos tempo para serem adjudicadas e executadas.

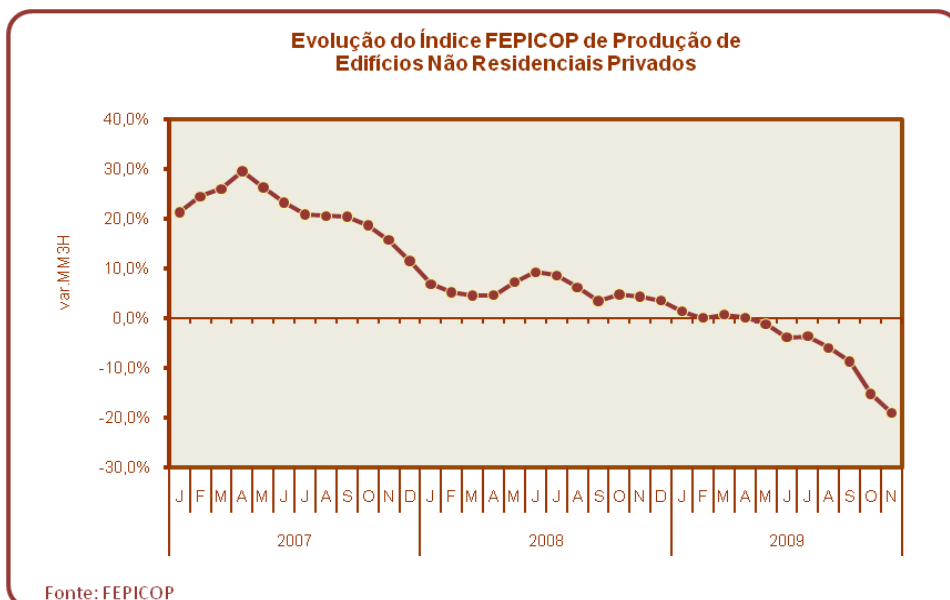


No que se refere ao segmento dos edifícios não residenciais públicos, tem-se registado, também, um esforço de dinamização desta actividade desde o início do ano, apontando o índice de produção FEPICOP para um volume de produção no final do trimestre terminado em Novembro mais do dobro do apurado em igual trimestre de 2008. Também aqui o investimento público tem procurado incutir alguma reanimação ao sector da construção, sendo lançados e adjudicados ao longo dos onze meses decorridos e com alguma celeridade empreitadas relacionadas sobretudo com a modernização e conservação do Parque Escolar.



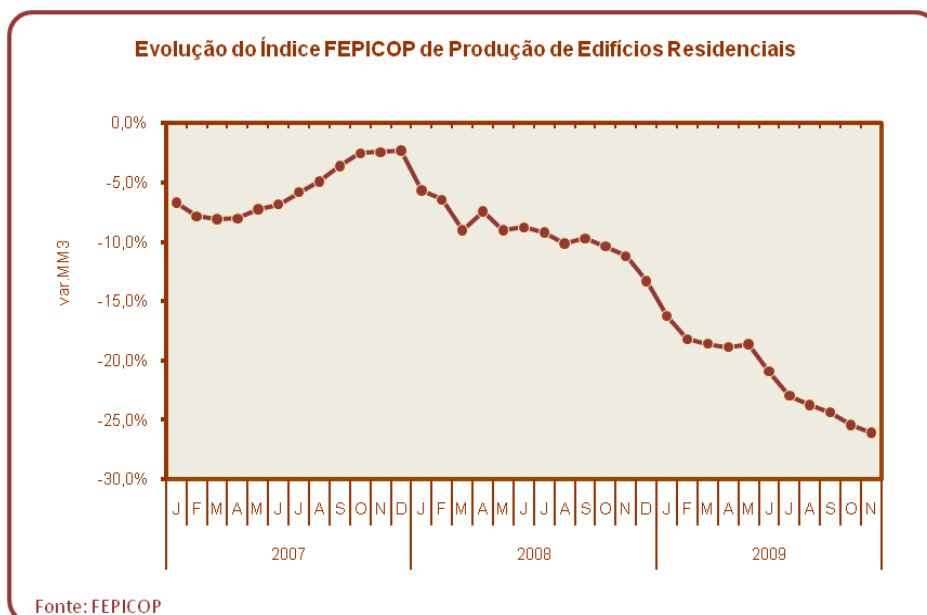
Apesar da evolução muito significativa do segmento dos edifícios não residenciais públicos, esta não se demonstra, contudo, suficiente para imprimir ao Sector um ritmo diferente do que vem revelando como um todo, já que o investimento privado em edifícios para habitação e não residenciais determinam, com as suas evoluções negativas, o ritmo igualmente descendente que aqui ainda predomina.

O facto de, no final do trimestre terminado em Novembro, a produção de edifícios para habitação se encontrar 26% abaixo do nível registado em igual período de 2008, variações negativas que se verificam há anos consecutivos mas que, este ano e de forma preocupante, passam a assumir dois dígitos, levam-nos a concluir que a crise na habitação vem assumindo cada vez mais um carácter estrutural. São conhecidos os factores que mais têm contribuído para esta crise estrutural, mas são os impactos da crise financeira internacional e toda a incerteza inerente a este período de crise os que têm conseguido colocar este segmento, tão relacionado com as perspectivas de investimento das famílias e das empresas, num estado que se pode considerar suspenso.



Observando a redução acumulada das áreas licenciadas para construção de edifícios de habitação (menos 41% em onze meses face a igual período de 2008) e as perspectivas pessimistas dos empresários, tudo leva a crer que este segmento dificilmente registará uma evolução diferente no próximo ano a não ser que medidas urgentes sejam tomadas.

Também o segmento dos edifícios não residenciais privados, como sejam escritórios, hotéis, edifícios para a indústria e outros, tem registado, ao longo de 2009, reduções de actividade muito acentuadas, sendo de menos 19% o decréscimo apurado no final do trimestre terminado em Novembro face a igual período homólogo. Também neste caso se apontam como factores críticos da evolução negativa deste segmento os impactos da crise financeira instalada, para além da grande incerteza sentida pelos empresários em relação à rentabilidade presente dos investimentos que pudessem fazer nesta área.

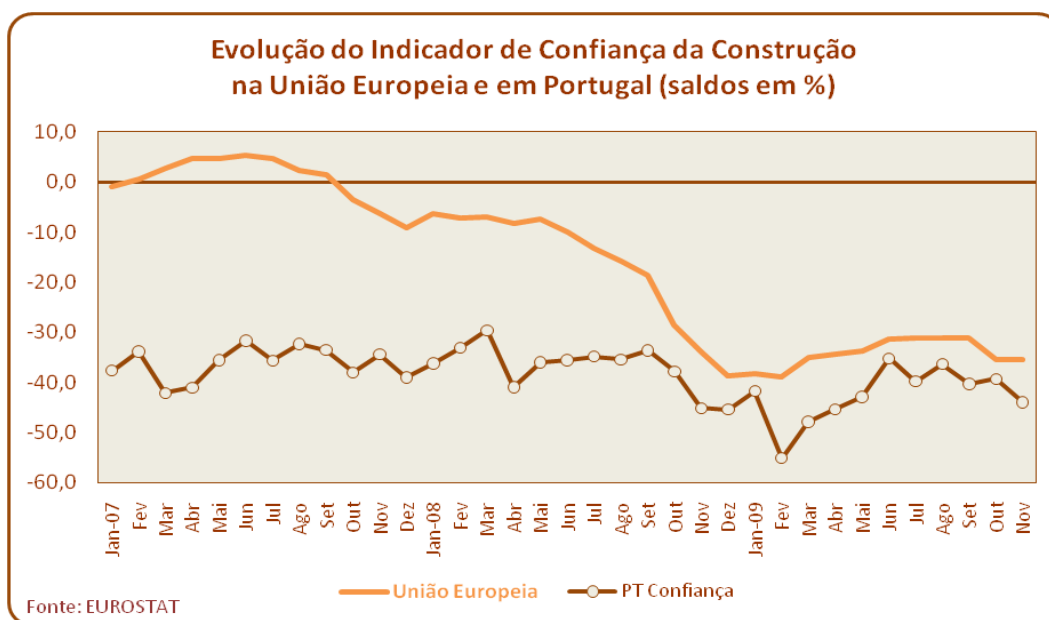


Por conseguinte, enquanto se mantiverem reduzidas as procuras de habitação e de edifícios não residenciais privados, manter-se-ão as tendências negativas de evolução destes dois segmentos, em particular, e do sector da construção, em geral, por serem estas as actividades que nele detêm maior peso.

#### 4. Níveis de confiança dos empresários portugueses da construção abaixo da média da União Europeia

No final do mês de Outubro, o saldo do indicador de confiança apurado pela Comissão Europeia para o sector da construção em Portugal atingiu menos 44%, bem abaixo do apurado para a média dos 27 países que compõem a União Europeia que ficou em menos 35.4%.

Este diferencial reflecte estarem os empresários portugueses do sector bem mais pessimistas que os congéneres europeus, quer porque registam maiores reduções de encomendas em carteira que a média dos seus parceiros europeus, quer porque detêm menores perspectivas de virem a criar emprego nos próximos meses.



Apesar dos saldos apurados no final de Novembro serem mais negativos para Portugal que para a média dos 27 países europeus, porém, a evolução dos índices do indicador de confiança, ao longo dos onze meses, apresenta-se bem mais negativa para a média europeia que para Portugal.



INDICADORES DE ACOMPANHAMENTO DA ANÁLISE DA CONJUNTURA DO SECTOR DA CONSTRUÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

Indicador	Unidade	2006	2007	2008	4.º T/08	1.º T/09	2.º T/09	3.º T/09	Set.09	Out.09	Nov.09
		var. anual			var. hom. trimestral				var. hom. acumulada		
<b>Indicadores Macroeconómicos</b>											
PIB (INE - CNT)	v. real (%)	1,4%	1,9%	0,0%	-2,0%	-4,0%	-3,7%	-2,5%			
FBCF - Total (INE - CNT)	v. real (%)	-0,7%	3,1%	-0,7%	-7,1%	-14,4%	-17,6%	-10,4%			
FBCF - Construção (INE - CNT)	v. real (%)	-5,4%	-0,2%	-5,7%	-12,0%	-13,2%	-13,2%	-9,4%			
VAB - Construção (INE - CNT)	v. real (%)	-3,3%	0,7%	-5,2%	-10,6%	-11,7%	-11,4%	-8,2%			
<b>Tecido Empresarial</b>											
Índice Empresas Activas (FEPCOP)(Jan 2000=100)	%	-3,0%	-2,5%	-5,7%	-8,4%	-9,5%	-10,6%	-11,7%	-10,6%	-10,7%	-10,7%
Indicador Confiança (FEPCOP/UE)(Jan_00 = 100)(1)	%	-0,3%	2,0%	-0,8%	-5,5%	-15,7%	-5,5%	-3,9%	-8,4%	-7,9%	-7,3%
Carteira Encomendas (FEPCOP/UE)(Jan_00 = 100)(1)	%	2,6%	-3,8%	5,1%	0,9%	-25,3%	-8,5%	-8,8%	-14,7%	-14,0%	-14,0%
Situação Financeira Empresas (FEPCOP/UE)(1)	%	-0,6%	0,9%	-6,2%	-17,6%	-13,8%	-15,7%	-7,8%	-12,5%	-10,8%	-9,4%
<b>Emprego e Desemprego na Construção</b>											
Nº Trabalhadores COP (INE - IE) (2)	milhares	553,0	570,8	555,1	540,9	514,5	513,5	503,1			
Nº Desempregados da COP (IEFP)	milhares	41,3	32,7	34,2	38,1	50,9	57,1	57,6	58,2	59,7	
Nº Trabalhadores COP (INE - IE) (2)	%	-0,2%	3,2%	-3,0%	-8,0%	-8,2%	-8,1%	-10,0%			
Nº Desempregados da COP (IEFP)	%	-5,1%	-16,7%	4,6%	25,3%	55,8%	74,1%	73,6%	67,9%	68,0%	
Taxa Desemprego na COP (FEPCOP)	%	7,0%	5,4%	5,8%	6,6%	11,2%	10,0%	10,3%			
Perspectivas de Emprego (FEPCOP/UE)(1)	%	-1,1%	3,1%	-2,2%	-5,9%	-9,2%	-2,6%	-1,4%	-4,4%	-4,1%	-3,4%
<b>Produção da COP por Segmentos de Actividade</b>											
<b>Engenharia Civil</b>											
Índice Produção Obras Eng. Civil (FEPCOP)	%	-25,5%	-4,5%	3,9%	4,4%	15,0%	23,7%	24,1%	21,0%	19,4%	18,4%
Nível Actividade Obras Eng. Civil (FEPCOP/UE)(1)	%	5,1%	5,7%	-3,1%	-14,1%	-19,9%	-0,8%	2,7%	-6,4%	-5,5%	-4,4%
Valor Obras Públicas Promovido (FEPCOP)	%	-1,2%	-10,1%	35,4%	-73,7%	8,6%	-18,6%	-60,7%	-32,1%	-29,4%	-27,6%
DESVM Valor Adj. / Base Licitação (FEPCOP)	%	-14,1%	-9,1%	-4,3%	-1,4%	-11,3%	-6,8%	-6,3%	-8,0%	-8,4%	-8,6%
<b>Habitação</b>											
Índice Prod. Edif. Habitação (FEPCOP)	%	-5,5%	-5,3%	-10,2%	-13,3%	-18,6%	-20,9%	-24,4%	-21,3%	-22,0%	-22,2%
Nível Actividade Edif. Habitação (FEPCOP/UE)(1)	%	0,0%	6,7%	-1,5%	-9,7%	-21,0%	-10,8%	-12,9%	-14,8%	-14,4%	-13,4%
Área Licenciada Edif. Habitação (INE-nº)	%	-6,7%	-5,9%	-26,1%	-41,2%	-45,4%	-43,6%	-37,6%	-42,6%	-41,9%	
<b>Edifícios Não Residenciais</b>											
Índice Produção Edif. N/ Residenciais (FEPCOP)	%	-10,4%	8,9%	2,7%	7,5%	15,0%	16,5%	20,2%	17,3%	16,9%	16,2%
Nível Actividade Edif. N/ Residenciais (FEPCOP/UE)(1)	%	-11,5%	8,8%	2,8%	-2,6%	-11,7%	-2,7%	-3,9%	-6,1%	-5,5%	-5,0%
Área Licenciada Edif. N/ Residenciais (INE-nº)	%	10,3%	13,4%	3,1%	-12,4%	-35,6%	-19,2%	-40,3%	-32,2%	-32,4%	
<b>Produção Global</b>											
Nível Actividade Global (FEPCOP/UE)(1)	%	-9,6%	6,8%	-1,1%	-9,1%	-17,6%	-5,9%	-5,1%	-9,5%	-9,0%	-8,1%
Consumo de Aço (sem importações) (MF)	%	-12,7%	-4,6%	-11,2%	-13,1%	-23,7%	-12,6%				
Consumo de Cimento (Cimpor, Secil, outros)	%	5,9%	0,9%	-6,5%	-14,6%	-16,9%	-16,1%	-13,5%	-15,5%	-16,1%	
<b>A Construção Europeia</b>											
FBCF Total (UE - Zona Euro)	v. real (%)	4,4%	4,8%	0,0%							
Indicador Confiança Construção (UE - 27 países)	%	7,4%	0,4%	-16,6%	-29,2%	-32,8%	-26,9%	-18,3%	-26,3%	-24,9%	-23,3%
Indicador Confiança Construção (UE - Portugal)	%	2,3%	1,6%	-1,2%	-9,0%	-22,7%	-5,9%	-6,4%	-11,8%	-10,9%	-9,9%
Carteira de Encomendas COP (UE - 27 países)	%	8,1%	-1,2%	-17,5%	-30,4%	-34,9%	-34,8%	-25,5%	-31,8%	-31,0%	-29,7%
Carteira de Encomendas COP (UE - Portugal)	%	10,6%	-8,7%	8,6%	0,1%	-31,1%	-10,2%	-12,8%	-18,8%	-17,6%	-17,1%
Perspectivas Emprego COP (UE - 27 países)	%	6,8%	1,8%	-16,0%	-28,3%	-31,2%	-20,6%	-12,1%	-21,7%	-19,8%	-18,0%
Perspectivas Emprego COP (UE - Portugal)	%	-2,1%	7,6%	-6,0%	-13,3%	-17,2%	-3,6%	-2,9%	-7,8%	-7,1%	-5,8%

Nota: Quadro construído com informação disponibilizada até 11 de DEZEMBRO de 2009

(1) Indicador que resulta das opiniões dos empresários expressas no Inquérito Mensal à Actividade realizado pela FEPCOP / UE

(2) A partir do 1º trimestre de 2008 os resultados do emprego da construção são divulgados segundo a CAE Ver. 3.1. As variações homólogas de 2008 resultam da comparação entre resultados de 2007 (CAE Rev. 2.1) e os de 2008 (CAE Rev. 3.1)

var. hom. trimestral = [trimestre n / trimestre n-4] var. hom. acumulada = [índice (n) + índice (n+1) + .... + índice (n+12)] / [índice (n-12) + índice (n-11) + ....índice (n-1)]